

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

ELAYNE CRISTINE GOMES DA SILVA
ELIZÂNGELA CHAGAS DE FIGUEIRÊDO
GRAZIELLE GOMES BARBOSA

A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NO
DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA POR MEIO
DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

RECIFE
2022

ELAYNE CRISTINE GOMES DA SILVA
ELIZÂNGELA CHAGAS DE FIGUEIRÊDO
GRAZIELLE GOMES BARBOSA

**A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NO
DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA POR MEIO
DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,
como requisito parcial para obtenção do título de graduado em
Licenciatura em Educação Física.

Orientador(a): Prof. Dr. Edilson Laurentino dos Santos

RECIFE
2022

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 1745.

I34 A Importância da Psicomotricidade no Desenvolvimento Global de Crianças com Transtorno do Espectro Autista por Meio da Educação Física Escolar / Elizangela Chagas de Figueiredo [et al]. Recife: O Autor, 2022.
29 p.

Orientador(A): Prof. Edilson Laurentino dos Santos.

Trabalho De Conclusão De Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – Unibra. Licenciatura em Educação Física, 2022.

Inclui Referências.

1. *Dirofilaria immitis*. 2. Canídeos. 3. Zoonose. 4. Verme do coração. 5. Circulação sanguínea. I. Silva, Elayne Cristine Gomes da. II. Barbosa, Grazielle Gomes. III. Centro Universitário Brasileiro - Unibra. IV. Título.

Cdu: 796

Dedicamos esse trabalho a nossos pais.

*“Ninguém nasce feito, é experimentando-nos
no mundo que nós nos fazemos.”*

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	2
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO	5
2.1 Psicomotricidade.....	5
2.1.1 Desenvolvimento da Psicomotricidade.....	6
2.2 Autismo.....	7
2.3 Práticas corporais e sua contribuição no desenvolvimento global.....	9
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	10
4 RESULTADOS	12
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19

A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA POR MEIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Elayne Cristine Gomes da Silva

Elizângela Chagas de Figueirêdo

Grazielle Gomes Barbosa

Edilson Laurentino dos Santos

Resumo: A psicomotricidade permite que a criança com transtorno do espectro autista, possa alcançar o que lhe é mais caro e escasso: apossar-se de sua imagem esquema corporal e da consciência de seu corpo dentro dos ambientes em que ela vive, ou de um contexto. Para tal, a psicomotricidade em sua importância, trabalha nessas crianças, por meio do auxílio de um professor de educação física que, a todo momento, deve manter o contato visual e ajudar a seguir comandos com mudança de tonalidade de voz, a fim de desenvolver a capacidade de agir com finalidade de iniciar e terminar uma atividade. Usando assim, estratégias de auto percepção e inter-relação com os limites do seu dia a dia e no ambiente escolar. Atividades como rolar, pular, tocar, mudando de lado ou de posição (frente/atrás) fazem com que ela consiga, aos poucos, encontrar seus limites internos e externos. O objetivo desse estudo é verificar de forma qualitativa a importância da psicomotricidade no desenvolvimento global de crianças com TEA no ambiente escolar. A metodologia da pesquisa abordada é de cunho bibliográfico com revisão de conceitos, levantamento de dados nas bases eletrônicas Scielo, Lilacs, Google Acadêmico e periódicos. Dentro do recorte temporal de 2010 a 2022. Por tudo isso, o principal resultado mostra que a inclusão da psicomotricidade na rotina de crianças com TEA ocorrem melhorias e remediação de alguns déficits muito comuns no Autismo, especialmente no que tange à coordenação motora e problemas sensoriais.

Palavras-chave: Psicomotricidade. Transtorno do Espectro Autista. Educação Física Escolar.

1. INTRODUÇÃO

A psicomotricidade consiste numa reeducação ou terapia de mediação corporal e expressiva, na qual o técnico estuda e compensa as condutas motoras inadequadas ou inadaptadas, em questões relacionadas com problemas de desenvolvimento e maturação psicomotora, de comportamento, de aprendizagem e de âmbito psico-afetivo (MATIAS, 2010).

Ao iniciar as intervenções com a criança autista, independente das características que esta apresenta, é importante que o psicomotricista estipule algum tipo de comunicação e estabeleça um vínculo que contribuirá para o desenvolvimento dessa criança (SILVA; SOUZA, 2017). De acordo com Marques (2010), a conquista do vínculo e da comunicação pode se tornar difícil, devido à dificuldade que a criança autista tem em descentrar-se de seu próprio corpo e abrir espaços para novas relações.

A utilização de atividades físicas e desportivas em crianças com autismo tem vindo a ser realizada e estudada. Nas duas últimas décadas o interesse pelos potenciais benefícios do exercício físico nos indivíduos com transtorno do espectro do autismo (TEA) tem aumentado, mas a pesquisa realizada nesta área é, ainda, escassa e baseada em pequenos grupos (SOWA, MEULENBROEK, 2012).

Segundo Viana e Santos (2011) a inserção do professor de educação física na história da saúde mental é um fato recente, principalmente se tratando da saúde pública brasileira. Exemplo é claro, quando se vê que nos últimos anos o profissional de Educação Física vem sendo inserido nos centros terapêuticos para pessoas com transtornos mentais, como o Centro de Atendimento Psicossocial (CAPs). Nestes centros, o trabalho é realizado por uma equipe multidisciplinar, e a atuação dos profissionais de educação física nestas equipes vem trazendo resultados que vêm merecendo atenção dos pesquisadores (VIANA, SANTOS, 2011).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por déficits na comunicação social, interação social e em padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Os sintomas estão presentes no período do desenvolvimento, entre 12 e 24 meses, podendo aparecer antes mesmo dos 12 meses conforme a gravidade, ou após os 24 meses se os sintomas forem mais sutis

(APA, 2014). A palavra “autismo” é de origem grega, deriva de “autós”, que significa “para si mesmo” (SILVA, PERANZONI, 2012).

Pode-se destacar, que apesar das particularidades apresentadas por cada autor sobre o autismo, todos ressaltam sobre a dificuldade que as crianças autistas apresentam em estabelecer uma interação social com as pessoas que as cercam, os comportamentos estereotipados e repetitivos que estas apresentam e a defasagem na comunicação (SOUZA, SILVA, 2017).

Recentemente lançado, em 18 de junho de 2018, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), sendo apresentado oficialmente em maio de 2019, na Assembleia Mundial da Saúde, a nova Classificação Internacional de Doenças (CID-11), que entrou em vigor em 1 de janeiro de 2022, que assim como no DSM-5 (APA, 2014) unifica os Transtornos de Espectro Autista, reunindo todos os transtornos existentes dentro do Espectro do Autismo em um só diagnóstico o TEA (PAIVA JR., 2022).

Em relação à criança autista, a idade em que essa condição se manifesta, não é igual para todas as crianças, assim como as características, que podem se diferenciar em níveis de comprometimento, sintomas, ou seja, há crianças que vão apresentar algumas características e outras não (SOUZA, SILVA, 2017).

Segundo Schwartzman (1994), as crianças autistas podem manifestar diversas características. Dentre elas: o comprometimento na interação social, comunicação limitada, comportamentos estereotipados, movimentos repetitivos.

O comprometimento na interação social pode ser considerado uma das principais características da criança com autismo e é descrita pela falta de resposta aos estímulos de carinho, atitudes que expressam ideia de estarem ignorando as pessoas, isolamento, dificuldades no contato visual e em fazer amizades. Nesse sentido Schwartzman (1994) discorre que:

[...] Crianças autistas parecem não perceber os sentimentos dos outros em relação a eles; interpretam a mímica e a tonalidade da voz dos outros de maneira equivocada. Têm muita dificuldade em fazer amigos e, frequentemente, não parecem incomodar-se ao menos quando pequenos, com seu isolamento, parecendo, pelo contrário, que preferem estar sós (SCHWARTZMAN, 1994, p. 16).

Os autores Azevedo e Gusmão (2016) relatam que crianças com diagnóstico tardio de transtorno autista apresentaram problemas no padrão motor. Corroborando com isso, Ferreira e Thompson (2002) mostram que as noções de tempo e espaço são as principais bases do desenvolvimento motor, cognitivo e social da criança. Mas para que isso se desenvolva, é necessário que as noções de esquema corporal e

imagem do corpo estejam adaptadas. Essa capacidade de espaço depende de dados sensoriais e de atitudes motoras. As alterações de percepção de espaço são em primeiro lugar, causadas pela dificuldade de compreender o espaço corporal.

Para avaliar ganhos terapêuticos, além dos métodos específicos de avaliação de TEA, existem escalas psicomotoras como a escala de avaliação de desenvolvimento motor (EDM) de Rosa Neto (2002), a qual se baseia na organização do ambiente físico, e sistemas de trabalho, de maneira que possa adaptar o ambiente para tornar mais fácil para a criança compreender, o que se espera dela (MELLO, 2007).

Os ambientes ainda precisam sofrer adaptações para abrigar este novo tipo de atendimento. Faz-se necessário criar espaços físicos com estruturas adequadas e qualificar a formação destes profissionais, a fim de reconhecer os usuários e garantir que os mesmos tenham acesso a um tratamento de qualidade (VIANA, SANTOS, 2011).

Na nossa pesquisa, fizemos a seguinte pergunta para o nosso objeto de estudo: Qual a importância da psicomotricidade no desenvolvimento global de crianças com transtorno do espectro autista por meio da educação física escolar? Para tentar responder essa questão, definimos como objetivo geral analisar a importância da psicomotricidade aplicada por meio das práticas corporais nas aulas de educação física para crianças com transtorno do espectro autista, ministradas por um profissional de Educação Física. E dando suporte a este, os específicos são: Investigar os benefícios que a psicomotricidade pode gerar nos aspectos globais de crianças com TEA. Analisar o trabalho psicomotor de forma lúdica possibilitando à criança com TEA, por meio desta reduzir movimentos estereotipados e repetitivos.

Le Boulch (1987) aponta que o desenvolvimento de uma criança é o resultado da interação de seu corpo com os objetos de seu meio, com as pessoas com quem convive e com o mundo onde estabelece ligações afetivas e emocionais. O corpo, portanto, é sua maneira de ser. É através dele que ela estabelece contato com o ambiente, que se engaja no mundo, que compreende o outro.

Nesse sentido, através das experiências de aprendizagem, a criança constrói seu esquema corporal e amplia seu repertório psicomotor, adquirindo autonomia e segurança (OLIVEIRA, 1997).

O objetivo deste estudo está em apontar a grande contribuição da psicomotricidade aplicada através da educação física escolar no desenvolvimento

global de crianças com TEA, uma vez que este ambiente é propício para se obter resultados significativos, as práticas corporais, esportivas e trabalho em grupo trazem a aquisição de novas habilidades, construindo assim uma base que auxiliará a criança com TEA em outros aspectos humanos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Psicomotricidade

No ano de 1870, foi nomeada a palavra psicomotricidade para corresponder o esquema clínico que determinava para cada sintoma de lesão focal, pois já não podiam explicar alguns fenômenos patológicos. Em 1909, Ernest Dupré neuropsiquiatra, iniciou seus estudos na psicomotricidade com estudos clínicos na observação de pacientes e definiu a síndrome da debilidade motora, que é a caracterizada pela presença de sincinesias, paratonias e inabilidades, rompendo a correlação entre a perturbação motora e a síndrome. Com isso, este neuropsiquiatra francês evidenciou uma estreita relação entre o desenvolvimento da motricidade, da inteligência e da afetividade, ou seja, paralelismo psicomotor que vem a definir uma tentativa de superação ao dualismo cartesiano – corpo e mente (SOUSA, p. 18, 2004).

Em 1925, Henri Wallon, médico psicólogo, trouxe suas contribuições para a psicomotricidade, através da sua análise sobre os estágios e os transtornos do desenvolvimento mental e motor da criança, sendo assim mostra em seus estudos uma diferença que nos permite relacionar o movimento ao afeto, à emoção, ao meio ambiente à aos hábitos do indivíduo (WALLON, 1978).

Em 1935, Eduard Guilmain, neurologista, desenvolveu um exame psicomotor para fins de diagnóstico, de indicação da terapêutica e de prognóstico. Em 1947, Julian de Ajuriaguerra, psiquiatra, redefine o conceito de debilidade motora, considerando-a como uma síndrome com suas próprias particularidades. É ele quem delimita com clareza os transtornos psicomotores que oscilam entre o neurológico e o psiquiátrico. Com estas novas contribuições, a psicomotricidade diferencia-se de outras disciplinas, adquirindo sua própria especificidade e autonomia (ABP, 2022).

Na década de 70, alguns autores defendiam a ideia de que a educação psicomotora era vista como uma forma de ajudar a criança com dificuldade de adaptação a participar do âmbito escolar, desenvolvendo suas potencialidades. A

psicomotricidade, neste momento, era vista como motricidade de relação, passando a existir uma diferença entre postura reeducativa e terapêutica, dando-se, progressivamente, maior importância à relação, à afetividade e ao emocional (VALENTIM, p.29, 2004).

Psicomotricidade, portanto, é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização (ABP, 2022).

A Psicomotricidade baseia-se em uma concepção unificada da pessoa, que inclui as interações cognitivas, sensório-motoras e psíquicas na compreensão das capacidades de ser e de expressar-se, a partir do movimento, em um contexto psicossocial. Ela se constitui por um conjunto de conhecimentos psicológicos, fisiológicos, antropológicos e relacionais que permitem, utilizando o corpo como mediador, abordar o ato motor humano com o intento de favorecer a integração deste sujeito consigo e com o mundo dos objetos e outros sujeitos (COSTA,2002).

Em razão de seu próprio objeto de estudo, isto é, o indivíduo humano e suas relações com o corpo, a Psicomotricidade é uma ciência encruzilhada... que utiliza as aquisições de numerosas ciências constituídas (biologia, psicologia, psicanálise, sociologia, linguística...) Em sua prática empenha-se em deslocar a problemática cartesiana e reformular as relações entre alma e corpo: O homem é seu corpo e NÃO - O homem e seu corpo (JEAN-CLAU DE COSTE, 1981).

A psicomotricidade pode também ser definida como o campo transdisciplinar que estuda e investiga as relações e as influências recíprocas e sistêmicas entre o psiquismo e a motricidade (ABP, 2022).

2.1.1 Desenvolvimento da Psicomotricidade

O nosso corpo está em constante transformação, desde o nascimento até a morte. Desse modo, é importante compreender como esse corpo se desenvolve e quais os conceitos utilizados na Psicomotricidade para ajudar a entender esse processo de modificação (FERREIRA, CORRÊA, 2019).

Através da movimentação e experimentação, a criança procura seu eixo corporal, buscando um equilíbrio cada vez maior. Em consequência, vai coordenando seus movimentos e conscientizando-se do corpo e das posturas. A coordenação

motora ampla leva a criança a adquirir a dissociação de movimentos, ou seja, leva a ter condições de realizar movimentos múltiplos ao mesmo tempo, como andar, correr, saltar, rolar, pular, sentar, lançar-pegar, arrastar-se, nadar (FERREIRA, CORRÊA, 2019).

O esquema corporal é um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É uma representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo (WALLON, 1968). Freitas (2008) sugere algumas definições, como: Imagem Corporal: sentimentos e atitudes que uma pessoa tem em relação ao seu próprio corpo; Esquema Corporal: imagem esquemática no próprio corpo, que só se constrói a partir da experiência do espaço, do tempo e do movimento, e a Consciência Corporal: reconhecimento, identificação e diferenciação da localização do movimento e dos inter-relacionamentos das partes corporais.

A lateralidade corporal se refere ao espaço interno do indivíduo, capacitando-o a utilizar um lado do corpo com maior desembaraço. Ela traduz-se pelo estabelecimento da dominância lateral da mão, olho e pé, do mesmo lado do corpo (REZENDE, 2003).

A percepção espacial é essencial para que vivamos em sociedade, uma vez que, é através do espaço e das relações espaciais que nos situamos no ambiente em que vivemos (FERREIRA, CORRÊA, 2019).

É uma etapa da aprendizagem em que a criança vai apurar os sentidos, perceber as orientações e posições que cada parte do corpo pode tomar, associando-as aos objetos da vida cotidiana (MEUR, STAES, 1991).

A percepção temporal tem a função de promover a capacidade da criança em situar-se antes, após e durante os acontecimentos. A percepção temporal não só deve auxiliar na localização de um acontecimento no tempo, como também proporcionar a preservação das relações entre os fatos do tempo (OLIVEIRA, 2016).

2.2 Autismo

O autismo é nome técnico oficial para Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do

transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que necessitam, há desde pessoas com outras doenças e condições associadas (concorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, com vida comum, algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico (PAIVA JR, 2022).

Segundo a Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM-IV (2013) esse transtorno foi denominado por Perturbação Global do Desenvolvimento (PGD). Atualmente, e com a 5ª edição da DSM, passou a ser utilizada a denominação de Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) que agrupa: o Autismo, Asperger, Transtorno infantil desintegrativo e Transtorno invasivo do desenvolvimento não especificado. As pessoas com TEA possuem um transtorno do neurodesenvolvimento com défices associados à comunicação e interação social, apresentando padrões restritos e repetitivos de comportamento (DSM-5). Em muitas crianças com TEA observam-se dificuldades motoras e sensoriais (BARANEK, 2002).

O autismo é um distúrbio de neurodesenvolvimento complexo, definido a partir de um ponto de vista comportamental e de habilidades de relacionamento social, que apresenta etiologias múltiplas e graus variados de severidade (GADIA et al., 2004; SILVA, 2009).

O autismo é um comprometimento permanente e a maioria dos indivíduos acometidos por este transtorno permanece incapaz de levar uma vida independente, demandando o apoio da família, da comunidade e das instituições (KLIN, 2006).

Nas últimas décadas, a incidência de casos de autismo tem crescido de forma significativa em todo o mundo (SCHECHTER; GREYER, 2008). Em países como os Estados Unidos, a média de idade das crianças diagnosticadas tem sido de 3 a 4 anos (CHAKRABARTI; FOMBONNE, 2005). Considerou-se as taxas de 60/10.000 ou a mais recente taxa de 1% se pode estimar, que entre 1 e 2 milhões de brasileiros preencheram critério para o espectro autista, sendo de 400 a 600 mil com menos de 20 anos, e entre 120 e 200 mil menores de cinco anos (IBGE, 2000).

A Lei nº. 12.764, que institui a “Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista”, sancionada em dezembro de 2012, prevê que as pessoas com autismo sejam consideradas oficialmente pessoas com deficiência, tendo direito de usufruir das políticas de inclusão vigentes no país. Nos últimos anos, o cenário no Brasil modificou-se, houve época que pais de crianças autistas sofrem algum tipo de constrangimento ao levar sua criança a algum lugar

público. Existiam olhares maldosos e tortos diante do espaço. Atualmente a exposição de seus filhos a diferentes espaços públicos é uma forma importante de estímulo social e de comportamento (BRASIL, 2012).

As crianças autistas costumam apresentar, também, condições associadas a desordens sensoriais (KLIN, 2006), dificuldades para prestar e/ou manter a atenção (SILVA, 2009) e deficiências na coordenação motora (GROFT, BLOCK, 2003).

Jovens e crianças do espectro autista podem estar em risco particular de inatividade física devido às deficiências associadas à sua condição (PAN, FREY, 2005) e a obesidade também se configura como um problema de saúde para esses indivíduos (OBRUSNIKOVA, CAVALIER, 2011).

Estudo realizado com adolescentes do espectro autista identificou que aspectos sociais, tais como: ter amigos, participar regularmente de esportes e ter o suporte de um cuidador na escola afetam a qualidade de vida desses jovens (COTTENCEAU, 2012).

Quadros de autismo também foram identificados em indivíduos com outros transtornos, tais como: síndrome de Down, paralisia cerebral e síndrome de Tourette, bem como associados a deficiências visuais e auditivas (SILVA, 2009).

A linguagem em algumas crianças é caracterizada por jargão, ecolalia, reversões de pronome, prosódia anormal e entonação monótona. Os déficits de linguagem e comunicação persistem na vida adulta, e uma proporção significativa de autistas permanece não-verbal (GADIA et al., 2004).

Estereotípias ou padrões repetitivos de movimento, como balançar o corpo, agitar as mãos repetitivamente, andar em círculos, além de repetições de frases, palavras e canções são manifestações frequentes em indivíduos autistas (GADIA et al., 2004).

2.3 Práticas corporais e sua contribuição no desenvolvimento global

Corroborando com Daolio (2004), ao dizer que a Educação Física é uma área que estuda e atua sobre a cultura corporal do movimento. Dessa forma, o profissional que atua nesta área deve ter subsídios suficientes para saber como e qual a melhor maneira de realizar a sua intervenção junto àquele aluno que tem uma cultura corporal de seus movimentos restritos, devido à falta de habilidade ou estímulos (oportunidade).

Sob esta abordagem, de sujeito inteiro, que se baseia o trabalho de fusão entre Educação Física e Psicomotricidade. A Educação Física Escolar, principalmente, na educação infantil pode auxiliar na preparação do alicerce psicomotor, desenvolvendo, com isso, os múltiplos pré-requisitos para aprendizagens futuras. Ela pode funcionar como ferramenta psicopedagógica, pois possibilita à criança utilizar-se do seu corpo para explorar, manipular, sentir, perceber, criar, brincar, relacionar, imaginar, planejar e pensar, tornando-se um facilitador e motivador para aprender (GONÇALVES, 2010).

O processo de experimentação corporal nas práticas de psicomotricidade relacional é voltado para provocar situações relacionais a partir do brincar, onde estas situações proporcionam à criança o aprendizado e a descoberta de capacidades corporais, bem como reflexões e produções quando brinca em grupo (FALKENBACH, DIESEL e OLIVEIRA, 2010). Assim, a criança torna-se mais disponível às relações tendo uma melhor aceitação de limites, o confronto com o outro e consigo mesmo (CORNELSEN, 2007).

3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Essa pesquisa se trata de um estudo de natureza qualitativa, já que a pretensão não é de quantificar os dados, mas analisá-los os sentidos e significados. Conforme Minayo (2001) a pesquisa qualitativa:

Se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para identificar estudos que tratam do tema investigado. Medeiros e Tomasi (2008), sustenta toda a pesquisa científica onde é necessário, antes de tudo, conhecer o que já foi feito por outros pesquisadores. Esse tipo de pesquisa é elaborado por meio de trabalhos já executados por outros autores, cujos interesses conferidos são os mesmos. Gil (2010) aponta as suas vantagens afirmando que:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários (GIL, 2010).

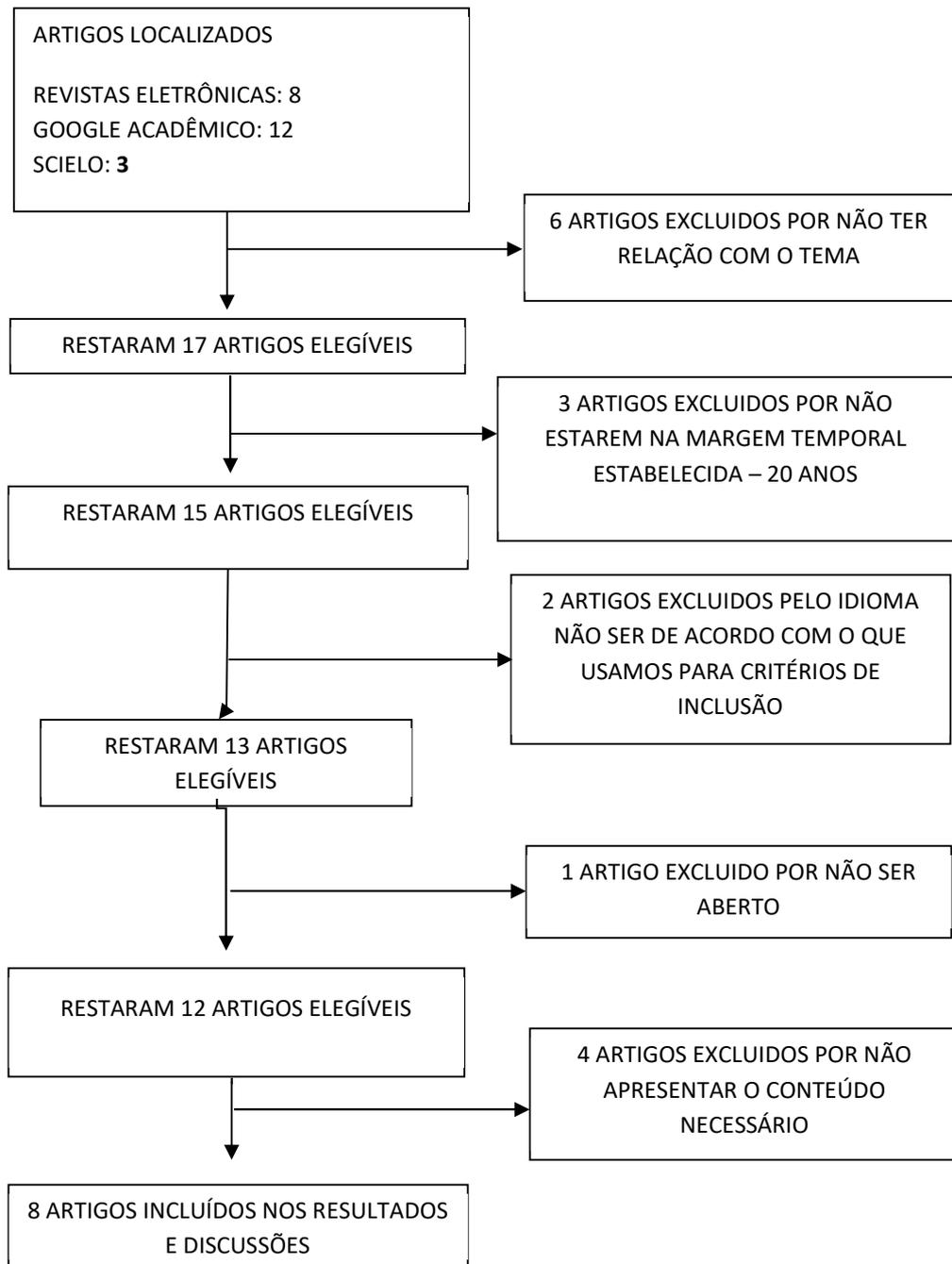
Para conhecer a produção do conhecimento acerca da intervenção psicomotora, em indivíduos com TEA nas aulas de Educação Física e identificar a importância da psicomotricidade ao autismo foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados eletrônicas Scielo, Lilacs, Google Acadêmico e periódicos. E como descritores para tal busca, foi utilizado: autismo, psicomotricidade, "educação física", e o operador booleano para interligação entre eles: AND.

Os critérios de inclusão do uso dos artigos foram: 1) estudos publicados dentro do recorte temporal de 2010 a 2022; 2) estudos com conteúdo dentro da temática estabelecida; 3) artigos na Língua Portuguesa; 4) artigos originais; 5) livros; 6) revistas eletrônicas;

Os critérios de exclusão do uso dos artigos foram: 1) estudos de revisão; 2) estudos indisponíveis na íntegra; 3) estudos com erros metodológicos; 4) estudos repetidos; 5) teses ou capítulos de teses; 6) estudos na língua inglesa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Figura 1 Fluxograma de busca dos trabalhos



Quadro 1: Resultados encontrados nos levantamentos bibliográficos.

AUTORES	OBJETIVOS	TIPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO INVESTIGADA	INTERVENÇÃO	RESULTADOS
Ajuriaguera, J. (2002)	Nortear os profissionais de psiquiatria infantil no que tange o Transtorno do Espectro Autista	teórico	Crianças (Sem idade mencionada)	Reunião de conhecimentos sobre a temática	É possível seguindo as diretrizes sugeridas, auxiliar no tratamento das crianças com transtorno do espectro autista
AZEVEDO, Anderson; GUSMÃO, Mayra. (2016)	Informar aspectos importantes acerca do Autismo para a sociedade	revisão sistemática	Crianças	Reunião de conhecimentos sobre a temática	Pode-se concluir que o tratamento do Autismo é por meio do corpo, tentando estabelecer uma relação entre o psíquico e o orgânico. A partir de experiências sensório-motoras.
ROSA NETO, F. (2010)	investigar o perfil motor de escolares	Experimental	Crianças (6 a 10 anos)	Quatro professores avaliando as crianças durante as aulas	desenvolvimento motor dentro dos parâmetros de normalidade em 96% dos escolares; Alta correlação entre a Idade Cronológica e Idade Motora Geral indicando boa consistência interna.

LOURENÇO, C. C. V. et al. (2015)	reunir os principais estudos que foram realizados nos últimos anos no âmbito da atividade física em indivíduos com (TEA) e retirar as conclusões acerca dos mesmos.	Revisão bibliográfica	Autistas em geral		Os programas de intervenção revelaram melhorias significativas, mostrando as potencialidades do exercício em pessoas com TEA
ALVES, F.R.F (2014)	Experimental al compreender melhor a visão dos pais e responsáveis sobre a prática de exercícios físicos para o desenvolvimento motor de seus filhos.	Experimental	Crianças (2 a 8 anos)	Questionar aos pais sobre os benefícios do exercício físico para as crianças.	Desenvolvimento A prática de exercícios físicos, em crianças com TEA, é benéfica para seu desempenho motor e, assim, visando o seu desenvolvimento como um todo
Teórico BELISÁRIO JÚNIOR, J. F. B., CUNHA, P. A (2010)	o contribuir para o desenvolvimento de práticas inclusivas na educação escolar de alunos com Transtornos Globais	Teórico	Escolares que possuam algum transtorno global de desenvolvimento		contribuição com os professores da educação básica, que atuam na sala de aula comum e no Atendimento Educacional Especializado - AEE

	do Desenvolvimento - TGD.				
MARIANO LUIZ, Simone Aparecida; PEREIRA DE MORAES, João Carlos (2016)	investigar como professores dessa disciplina que trabalham com crianças autistas vêem a participação desses alunos em suas atividades	Revisão bibliográfica	Crianças (sem menção às idades)	Revisão bibliográfica Constituição e aplicação de um questionário com de perguntas a três professores.	É nas escolas especiais que encontramos professores capacitados, materiais adequados, atividades adaptadas, suporte psicológico para melhor atender e assim promover o desenvolvimento e a interação social do aluno.

Perante as produções científicas já realizadas sobre a temática, fica claro que o desenvolvimento da criança com TEA não se resume apenas ao conhecimento cognitivo, mas se dá a partir do movimentar-se, da exposição da sua criatividade e da sua visão das coisas, como uma forma de aprendizagem. Por isso a psicomotricidade

é uma forma de buscar uma prática em que a criança desenvolva suas habilidades, proporcionando e contribuindo para seu melhor desempenho.

A Psicomotricidade objetiva melhorar ou normalizar o comportamento geral das crianças com TEA, assim desenvolvendo um trabalho constante sobre competências motoras, neuro motora e perceptivo-motoras, permite o autoconhecimento por parte da criança no decorrer dos anos com o trabalho feito do seu próprio corpo nas aulas de educação física através de aulas planejadas para, além do desenvolvimento do equilíbrio, da coordenação global, fina e estruturação. Assim promovendo o florescer da ação através de várias vias, fortificam a interiorização e impedem a relação do sujeito com o mundo exterior.

Para que o objetivo da psicomotricidade perante o autismo seja atingido, ou seja, para que se possa propiciar ao autista uma maneira confortável de viver no mundo e de ser eficiente, é preciso “dar” contorno ao seu corpo, fazendo com que ele possa ter a compreensão do que a ele pertence e do espaço, dos objetos e das pessoas que o cercam. É importante ressaltar que antes de iniciar qualquer tipo de trabalho, independente da queixa da criança, deve-se estabelecer um vínculo e um tipo de comunicação que irão permitir o desenvolvimento (COELHO, 2011, p22).

No contexto escolar, primando pelo desenvolvimento do aluno, é considerável destacar a importância da escola numa integração com a família do indivíduo e o professor, busquem avaliar o nível de TEA para que haja a facilitação do processo de ensino-aprendizagem e o exercício inclusivo deste aluno de maneira benéfica. Alves (2014) afirma que:

[...] o professor de Educação Física se torna fundamental para que os exercícios físicos sejam realizados com sucesso e pela aproximação afetiva entre os alunos com TEA e os professores torna-se mais fácil quando o professor consegue entrar em sintonia com o aluno e começa a fazer parte do cotidiano do aluno.

É absolutamente normal num primeiro momento a falta de integração e inflexibilidade do autista com o ambiente, o que exige dos atores envolvidos no contexto – Principalmente o professor —, sensibilidade e paciência e supervisão constante no processo é de extrema valia. Apegos a determinados locais, repetições de movimentos, choro e diversas reações são características do contato deste indivíduo ao ambiente escolar. (BELISARIO JUNIOR; CUNHA, 2010). Hollerbusch (2001), aponta que “Nesse cenário os professores têm que saber ensinar e, concomitantemente, distrair e divertir, mantendo uma relação positiva com cada aluno, pares de alunos e o grupo”.

Atividades como saltar, correr, rolar, pular, tocar, mudando de lado ou direções sendo elas para frente e para trás, onde fazem com que ela consiga, aos poucos, perceber os limites entre seu interno e seu externo. Deve-se, a todo momento, manter o contato visual e ajudar a seguir comandos com mudança de tonalidade de voz, a fim de desenvolver a capacidade de agir, com finalidade de iniciar e terminar processos. (MORAES, LUIZ, 2016).

A psicomotricidade nas aulas de educação física para o aluno autista, contribui no aprendizado de seu próprio conhecimento, auxiliando a resolver seus próprios conflitos estimulando o trabalho de desenvolvimento entre corpo e mente. O aluno consegue compreender melhor o domínio de seu corpo, passa a ter noções entre espaço, tempo e equilíbrio, controlando melhor as suas emoções e movimento.

Na inclusão escolar a criança com TEA tem a oportunidade de vivenciar a alternância entre aquilo que acontece todos os dias da mesma forma e aquilo que acontece de forma diferente. Essa alternância permite o acúmulo de experiência que irá tornar o ambiente social menos imprevisível (BELISARIO JÚNIOR; CUNHA, 2010, p. 26).

A psicomotricidade na Educação Física oferece às crianças autistas novas formas de expressão, além de obter um grande benefício à saúde e melhora nas áreas: psicomotora, social e cardiovascular, diminuindo comportamentos como: falta de atenção, impulsividade e hiperatividade e falta de coordenação motora. Assentindo, Lourenço et al. (2015) debruçaram-se sobre o estudo que buscou avaliar os efeitos resultantes da prática de exercícios físicos nas pessoas com TEA; Obtiveram como resultado a constatação de forma concisa que os exercícios são, sim, capazes de contribuir diretamente com o desenvolvimento global do indivíduo com TEA que pratique. Aspectos sociais, comportamentais, acadêmicos, qualidade de vida e desempenho motor são descritos como benéficos ao indivíduo.

O desenvolvimento psicomotor quando acontece harmoniosamente, prepara a criança para uma vida social próspera, pois, já domina seu corpo e utiliza-o com desenvoltura, o que torna fácil e equilibrado seu contato com os outros. As reações afetivas e as aprendizagens psicomotoras estão interligadas. A psicomotricidade é abrangente e pode contribuir de forma plena para com os objetivos da educação (MENDONÇA, 2004).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa pesquisa foi possível conhecer a importância da educação física escolar, com a aplicação dos conceitos e práticas corporais psicomotoras, no desenvolvimento físico, motor e intelectual de crianças com TEA, é possível observar a melhora em âmbitos com equilíbrio, força, coordenação motora, entre outros fatores que contribuem em uma melhor qualidade de vida para estas crianças.

Com base no estudo realizado podemos concluir que tais praticas corporais corroboram em um maior alto conhecimento corporal, permitindo não só um melhor desenvolvimento motor, mas também sendo um forte estímulo social, já que tais atividade ministradas em aulas de educação física escolar promovem a atividade em grupo e a sociabilização entre as crianças, tanto as que se encontram dentro do espectro TEA, mas também as que não se enquadram no mesmo.

Sendo assim, pode-se concluir que a psicomotricidade nas aulas de educação física para o aluno autista, também contribui no aprendizado e conhecimento, auxiliando a resolver seus próprios conflitos estimulando o trabalho de desenvolvimento entre o corpo e a mente. O aluno consegue compreender melhor o domínio corporal e passa a ter noção entre o espaço, tempo e equilíbrio, controlando melhor as suas emoções e movimento.

REFERÊNCIAS

Ajuriaguera, J. (2002). *Manual de psiquiatria infantil* (8ª ed). São Paulo: Masson do Brasil Ltda.

ALVES, F.R.F. Desafios e mudanças: uma proposta de programas de exercícios físicos para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2014. Pós-Graduação Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, 2014.

Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP), Histórico da Psicomotricidade. www.psicomotricidade.com.br 2022. Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/historico-da-psicomotricidade/> Acesso em: 10/05/2022

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and statistical manual of mental disorders. 5th edition. Washington, DC: American Psychiatric Publishing. 2013.

APA Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 5. ed. (DSM-5). Washington, DC, American Psychiatric Association, 2013.

AZEVEDO, Anderson; GUSMÃO, Mayra. A importância da fisioterapia motora no acompanhamento de crianças autistas. **Rev. Eletrôn. Atualiza Saúde, Salvador**, v. 2, n. 2, p. 76-83, 2016.

BARANEK, Grace T. Efficacy of sensory and motor interventions for children with autism. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 32, n. 5, p. 397-422, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2, CNE/CEB 2001. In: _____. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC;SEESP, 2001. p. 68-79.

BRASIL, **LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 28 maio 2022.

BELISÁRIO JÚNIOR, J. F. B., CUNHA, P. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar – Transtornos Globais do Desenvolvimento, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

COELHO, Mendes Augusto. **Perfil psicomotor em crianças com e sem autismo**: Um estudo comparativo. 2011. 65 p. Perfil psicomotor em crianças com e sem autismo (Ciências Sociais e Humanas) - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, [S.l.], 2011.

COSTA, A. C. **Psicopedagogia e psicomotricidade**: Pontos de intersecção nas dificuldades de aprendizagem: Petrópolis: Vozes, 2002.

COSTE, J. **A Psicomotricidade**. Editora Zahar, 1981

COTTENCEAU, Hélène et al. Quality of life of adolescents with autism spectrum disorders: Comparison to adolescents with diabetes. **European child & adolescent psychiatry**, v. 21, n. 5, p. 289-296, 2012.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão** - Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família 7ª edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

c, Suniti; FOMBONNE, Eric. Pervasive developmental disorders in preschool children: confirmation of high prevalence. **American Journal of Psychiatry**, v. 162, n. 6, p. 1133-1141, 2005.

DAOLIO, J. **Educação Física e conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

Ferreira, A., Corrêa, J. **A importância da Psicomotricidade no processo de desenvolvimento motor, cognitivo e sócio afetivo da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. – UNAMA, 2019.

FERREIRA, C. A. D. M.; THOMPSON, R. **Imagem e Esquema corporal**. Editora Lovise: São Paulo, 2002.

FREITAS, Neli K. Esquema corporal, imagem visual e representação do próprio corpo: questões teórico-conceituais. **Ciências & Cognição**, v. 13, n. 3, p. 318-324, 2008.

GADIA, C.A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N.T. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento**. *Jornal de Pediatria*, v. 80, n.2, 2004.

GROFT, Melissa; BLOCK, Martin E. Children with Asperger syndrome: Implications for general physical education and youth sports. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 74, n. 3, p. 38-43, 2003.

HOLLERBUSCH, R. M. da S. L. O desenvolvimento da interação social das crianças com alteração do espectro do autismo: Estudo exploratório da influência da educação física na promoção do relacionamento interpessoal. Universidade do Porto, 2001. Disponível em: Acesso em: 6 Novembro 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2000**. Censo demográfico, Rio de Janeiro, 2000. p.1-178.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, p. s3-s11, 2006.

LE BOULCH, Jean. **Educação psicomotora**: Psicocinética na idade escolar. Trad. De Jeni Wolff. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LOURENÇO, C. C. V. et al. Avaliação dos efeitos de programas de intervenção de atividade física em indivíduos com transtorno do espectro do autismo. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v. 21, n. 2, p. 319-328, 2015.

MARIANO LUIZ, Simone Aparecida; PEREIRA DE MORAES, João Carlos. A participação do autista nas aulas de Educação Física: entre três olhares docentes. 12/04/2016. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd215/a-participacao-do-autista-de-educacao-fisica.htm> Acesso em: 23/10/2017

Marques, Raphaela Queiroz. **A psicomotricidade no autismo infantil trabalhando o corpo por meio da estimulação sensorial**. In: FERREIRA, Carlos Alberto de Mattos; HEINSIUS, Ana Maria. *Psicomotricidade na saúde*. Rio de Janeiro: Wak, 2010. Cap.12, p. 159-174

MATIAS, A. R. (2010). **Psicomotricidade no Meio Aquático na Primeira Infância**. Venda do Pinheiro: Tuttirév.

MENDONÇA, Raquel Marins de. Criando o ambiente da criança: a psicomotricidade na educação infantil. In: ALVES, Fátima. *Como aplicar a psicomotricidade: uma atividade multidisciplinar com amor e união*. Rio de Janeiro: Wak, 2004. p.19-34.

MEUR, A. de; STAES, L. **Psicomotricidade educação e reeducação**. Barueri, SP: Manole, 1991.

MELLO, A. M. S. R. O. S. **Autismo**: guia prático. 5. ed. São Paulo: AMA, 2007.

NEGRINI, Airton. *Educação Psicomotora*. São Paulo: Ebrasa, 2003.

OBRUSNIKOVA, Iva; CAVALIER, Albert R. Perceived barriers and facilitators of participation in after-school physical activity by children with autism spectrum disorders. *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, v. 23, n. 3, p. 195-211, 2011.

OLIVEIRA, C. T. D.; CARLOTTO, R. C.; TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G. *Oficinas de gestão do tempo com estudantes universitários*. Psicologia: ciência e Profissão. Brasília, 2016.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque pedagógico**. Petrópolis, RS: Vozes, 1997.

PAN, Chien-Yu; FREY, Georgia C. Identifying physical activity determinants in youth with autistic spectrum disorders. **Journal of Physical Activity and Health**, v. 2, n. 4, p. 412-422, 2005.

ROSA NETO, F. et al. **A Importância da avaliação motora em escolares: análise da confiabilidade da Escala de Desenvolvimento Motor**. Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum., Florianópolis, v.12, n.6, p. 422-427, 2010. Disponível em: <Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcdh/v12n6/v12n6a05> >. Acesso em: 11 mar.2022. » <http://www.scielo.br/pdf/rbcdh/v12n6/v12n6a05>

ROSA NETO, F. **Manual de avaliação motora**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SCHECHTER, Robert; GREYER, Judith K. Continuing increases in autism reported to California's developmental services system: mercury in retrograde. **Archives of General Psychiatry**, v. 65, n. 1, p. 19-24, 2008.

SCHWARTZMAN, José Salomão. Autismo infantil. In: **Autismo infantil**. 1994. p. 16-56.

SILVA, Daiane Guarda da; PERANZONI, Vaneza Cauduro. Autismo: um mundo a ser descoberto. **Revista Efdportes**, 2012

SILVA, M.; MULICK, J.A. **Diagnosticando o Transtorno Autista: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas**. Psicologia Ciência e Profissão, v.29 (1), p.116-131, 2009..

SOWA, Michelle; MEULENBROEK, Ruud. Effects of physical exercise on autism spectrum disorders: A meta-analysis. **Research in autism spectrum disorders**, v. 6, n. 1, p. 46-57, 2012.

SOUSA, Deyse Campos de. **Um pouco da história da psicometria**. 2004. Disponível em:http://www.iprede.org.br/um_pouco_20da_20historia_20da_20psicomotricidade.doc. Acesso em: 10/05/2022.

TOMASI, Carolina; MEDEIROS, João Bosco. Comunicação científica: normas técnicas para redação científica. Atlas, 2008.

VALENTIM, M. L. P. MOLINA, L. G. **Prospecção e monitoramento informacional no processo de inteligência competitiva**. Encontros Bibli (UFSC), Florianópolis, 2004.

Viana, D. S., & Santos, J. E. (2011). O profissional de educação física na saúde mental: sua importância biopsicossocial. In: *Anais da 64ª Reunião Anual da SBPC*, São Luís do Maranhão: SBPC. [[Links](#)]

WALLON, H. (1968) **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70.

WALLON, H. (1978) **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Deus, por ter nos permitido chegar até onde chegamos, nos dando sempre perseverança para superar todas as dificuldades na formação acadêmica e na vida pessoal.

Ao nosso professor Edilson Laurentino, por suas colaborações e sugestões no artigo, pela transmissão de grandiosos conhecimentos não só acadêmico, mas para a vida e por todos os momentos em que pudemos contar com a sua ajuda. Especialmente nos momentos que demonstramos desespero ao desenvolver este trabalho.

A nossa família, em especial aos nossos pais que nos dão o devido amor, educação e suporte que assim nos permite conhecer e semear humildade e perseverança até os dias de hoje.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Educação Física que contribuíram para nossa formação.

Aos amigos incríveis que tivemos o prazer de conhecermos e termos suas companhias durante todo o curso, suas amizades foram fundamentais desde os primeiros passos desta longa jornada, em especial a Marcelo Magalhães que em vários momentos nos ajudou nas pesquisas e debate acerca do tema proposto e por tantos aconselhamentos, por ler inúmeras vezes nosso trabalho e incentivar tanto nessa jornada acadêmica o nosso muito obrigada a todos!